

CAPÍTULO 4

Festa Junina, tradição representativa da cultura popular no Brasil

*Maria de Fátima Nunes de França
y Rosanne Maria Nascimento de Souza*

Fagulhas, pontas de agulhas, brilham estrelas de São João...

MORAES MOREIRA E ABEL SILVA, Festa do Interior

As festas populares são comemorações ou eventos festivos cuja principal característica é a participação ativa da comunidade, promovendo e contribuindo com a preservação de sua cultura por meio das tradições regionais que envolvem muitos elementos, tais como religiosidade, comidas, músicas, danças, vestimentas, etc. (Câmera Cascudo, 1946; Duvignaud, 1983; Amaral 1998, 2000). É nas festas e por meio delas que modos de viver e de ver o mundo são construídos e reconstruídos permanentemente. Nesse sentido, falarmos das comemorações, rituais e tradições de uma sociedade específica, no nosso caso a brasileira, é tentar visibilizar e também reconhecer o valor da cultura popular como uma representação das diversas formas que cada povo tem de estar e experienciar o mundo. Vale ressaltar que quando mencionamos o termo cultura, nos referenciamos no conceito de Raymond Williams (1958), segundo o qual a cultura é de todos, considerando que toda sociedade humana possui uma maneira própria de estar no mundo, com propósitos e significados próprios. Desta forma, partimos da concepção de cultura como algo comum que está presente em toda sociedade e em toda e qualquer mentalidade, e da postura deste autor quando afirma que a busca do conhecimento sobre a cultura parte do desejo positivo que o ser humano tem não só de conhecer o melhor, mas também de conceber o acesso ao conhecimento como uma tarefa simples, agradável e atraente.

Segundo Santos (1987), a cultura está associada a um conhecimento que por sua vez funciona como fator de mudança, pois o ato de conhecer implica, além da descrição e da compreensão de uma realidade, a possibilidade de contribuir com a sua modificação. Portanto, discutir sobre cultura nos leva a vê-la como um processo social concreto já que crenças, festas ou tradições são fenômenos só ganham sentido quando referenciados em uma cultura inscrita dentro de uma realidade social, como parte de uma sociedade. Para isso, agrega este autor, a cultura é um processo que longe está de poder ser concebido como algo estático, imutável. Ou

seja que, por mais que os eventos culturais, festas e tradições se repitam no tempo, não se dão sem que sejam incorporadas as mudanças que ocorrem em uma sociedade.

Sabemos que as festividades funcionam no Brasil como um poderoso veículo de integração social e como uma matriz cultural que tende a reforçar certa ideia preconcebida das pessoas sobre a sociedade brasileira como sendo alegre e festiva. Uma idiossincrasia caracteristicamente marcada por suas raízes históricas e que contribuiu para a construção de uma identidade cultural fortemente miscigenada. Segundo Abreu, "existe [...] uma forte tendência a considerar as festas, no Brasil, como um local de encontro, mistura e comunhão entre todos os grupos étnicos e classes sociais" (Abreu, 1999, p. 40). Afirmação que se complementa com o dito por Lima e Ferreira (1999) ao comentarem que é por meio da linguagem das canções, das danças e da culinária que o brasileiro fala sobre a sociedade em que vive, os seus valores e suas crenças.

Nesse sentido partimos de um tema tão abrangente quanto as festas populares no Brasil para dirigir um interesse em particular na comemoração das Festas Juninas. Objetivamos com isso, por um lado, dar visibilidade e gerar um maior conhecimento em nossos alunos acerca da importância que estas festas adquirem no imaginário cultural dos brasileiros, analisando também que fatores estariam contribuindo para sua preservação e permanência no tempo.

Neste ponto, é inevitável não tentarmos entender o que faz com que as Festas Juninas adquiram cada vez maior protagonismo, ganhando terreno como festividade e assemelhando-se a outra grande festa brasileira, o Carnaval, já que ambas não apenas convocam milhares de cidadãos todos os anos, mas também atraem a participação ativa de pessoas de várias faixas etárias e classes sociais. Como verdadeiros eventos populares já institucionalizados, estas festas estão incluídas no calendário oficial como feriados e são comemoradas nas escolas, nos clubes, no trabalho e nas ruas como lugar por excelência de reunião comunitária.

Focalizamos nosso interesse no ciclo junino por observarmos que, além de este se manter vivo no imaginário da sociedade brasileira, vem crescendo a nível nacional⁴⁴ –estendendo-se para além da região Nordeste, onde ele é mais característico–, e ultrapassando as fronteiras nacionais. Como exemplo disto, basta observarmos o aumento na quantidade de cartazes de divulgação que circulam no mês de junho na Argentina, sobretudo nas cidades de Buenos Aires e La Plata, promovidos por diversos grupos que se dedicam a organizar a sua Festa Junina e também o aumento de adeptos ao forró com ritmo típico destas festas.

Salientamos, neste momento, que a motivação que nos levou a dar visibilidade à realização das Festas Juninas como uma mostra cultural da sociedade brasileira ocorreu como parte de um projeto específico⁴⁵ que busca tecer pontes para aumentar o conhecimento dos vínculos entre a Argentina e o Brasil.

⁴⁴ Ver projeto de lei na câmara dos deputados ([PROJETO DE LEI N° 943, DE 2019](#)) que reconhece as Festas Juninas como manifestação da cultura nacional.

⁴⁵ Este trabalho faz parte da iniciativa de se estudar produções culturais da Argentina e Brasil nos séculos XX e XXI, Diretora Dra. Ana Bugnone, IdiHCS-FaHCE, UNLP-CONICET.

Segundo García Canclini (1989), a festa sintetiza a vida de cada comunidade, suas estruturas culturais, suas relações políticas e projetos de mudanças. São movimentos de unificação comunitária para celebrar acontecimentos ou crenças surgidas da experiência cotidiana, como um modo de elaboração simbólica e até como prática de apropriação de uma identidade algumas vezes negada quando há uma sociedade injusta com diferenças sociais marcantes como a brasileira. Neste ponto, e tomando como base esta afirmação de García Canclini, gostaríamos de compartilhar alguns dos pontos de discussão que surgiram durante as reuniões e bate-papos com os colegas integrantes do nosso grupo de pesquisa sobre as festas populares no Brasil. Que motivações estão presentes nas pessoas que decidem participar nessas festas? Em que circunstâncias essas festas, Carnaval e São João as colocam? Isto é, a que estes espaços nos convocam? Algumas destas perguntas ainda ficarão sem resposta neste capítulo, mas consideramos que vale a pena deixá-las aqui como pontos de reflexão para um futuro estudo.

Nos focalizaremos, portanto, a realizar aqui uma análise mais descritiva sobre as festas juninas, suas origens, vendo suas principais características e as transformações que sofreram nos últimos anos. Salientamos que temos o intuito de complementar este estudo em uma segunda etapa que nos leve a realizarmos entrevistas e coletar depoimentos para acedermos à voz de sujeitos concretos com base na sua experiência vivida quanto a esta festividade.

Ao tomarmos como objeto de estudo uma festa popular, nos referenciamos em Boaventura de Souza Santos para partilhar da sua perspectiva crítica quanto à validação do saber científico no meio acadêmico em defesa de outras formas de produção do conhecimento. Para Santos, a produção de conhecimento no âmbito acadêmico tende a se dar como uma espécie de *monocultura do saber e do rigor científico*, segundo a qual o conhecimento legítimo validado é aquele que segue a rigorosidade científica, mensurável invalidando ou deixando de fora as práticas sociais. Permitimo-nos promover a *ecologia dos saberes* (de Sousa Santos, 2006), segundo o qual é possível fazer com que o saber científico dialogue com outros saberes, como o saber popular. O termo *ecologia* visa a afirmar que, de acordo com Santos, o importante não é ver como o conhecimento representa o real, mas conhecer o que um determinado conhecimento produz na realidade. E, acrescentamos, na realidade de sujeitos que, por meio de suas práticas culturais existentes e disponíveis, criam e recriam o seu presente.

O carnaval e as Festas Juninas: duas grandes festas populares no Brasil

As festas populares constituem uma importante manifestação cultural cuja origem pode estar em um evento sagrado, social, econômico ou até mesmo um acontecimento político passado. O Brasil é tido como um grande caldeirão cultural, uma cultura miscigenada que se deu a partir da incorporação de diversos elementos de diferentes culturas que se fizeram presentes durante a sua formação histórica. Como um país formado a partir de diversas matrizes étnicas,

algumas festividades do Brasil passaram a ser realizadas em todo o território nacional, ultrapassando as fronteiras regionais. É desta forma que, hoje, as Festas Juninas –assim como o Carnaval– ocorrem, com uma forte participação popular, sendo realizada não só nas ruas dos bairros como também em espaços institucionais de caráter público e privado, como o local de trabalho, escolas, clubes, entre outros.

Um outro aspecto característico da cultura brasileira é a junção de elementos sagrados e profanos. Um caráter profano que a cultura popular, partindo de uma origem sagrada, cria ou reinventa rituais e os redesenha no espaço urbano. Durkheim (1968) analisa o aspecto recreativo da religião e afirma que a cerimônia religiosa é, em grande parte, um espetáculo. Segundo ele, o caráter misto, surgido da dicotomia entre sagrado e profano, pode ser tomado como um elemento fundamental na definição de festa. Desta forma, toda festa que esteja referenciada em um objeto sagrado, ou sacralizado, possui, necessariamente, comportamentos profanos.

Destacamos, como mencionamos anteriormente, duas grandes festas populares massivas no Brasil. A primeira delas, já internacionalmente reconhecida, é o Carnaval que acontece quarenta dias antes da quaresma e cai geralmente nos meses de fevereiro ou março. A segunda, as Festas Juninas, que se realizam no mês de junho e homenageiam três santos do catolicismo. Podemos constatar que em ambas comemorações pode ser vista uma combinação de elementos sagrados e profanos. Sagrados por terem uma ligação com o cristianismo, e profano por promoverem, entre outros elementos, a dança, o consumo de bebidas e a até mesmo a liberação do corpo.

Retomando aqui a questão da motivação das pessoas para participarem dessas duas festas e o motivo pelos quais elas se sentem convocadas a estar nelas, consideramos que há algumas diferenças significativas. Se observarmos o Carnaval, é notório como as pessoas, através do ato de se fantasiar, salvaguardando em grande parte o anonimato, sentem-se estimuladas a romper com o cotidiano e com os papéis tradicionais. Nesse sentido, chamamos a atenção para o fato de que, ao usar uma fantasia “para pular o carnaval”, os indivíduos são motivados, de forma direta ou indireta, a quebrar regras e normas, driblar os padrões e papéis sociais. Assim, “brincando”, os foliões agem rompendo com o cotidiano. Já se nos detivermos a observar a participação das pessoas nas Festas Juninas, acreditamos que o elemento presente no ato de partilhar é o de comemorar em família, com amigos e vizinhos, imperando um espírito comunitário a fim de rememorar o estilo de vida do campo ou do interior. Nesse sentido, podemos concluir que uma diferença crucial a remarcar é que enquanto na folia carnavalesca parece se dar um rompimento com um cotidiano de costumes e padrões, no ciclo junino haveria uma celebração do cotidiano da cultura do campo que é bem diferente do ritmo de vida urbano em que se tende à vivência de um modo de comportamento mais individualizado.

Outra diferença que nos parece plausível de ser mencionada, seguindo nossa linha de pensamento, é a de que, enquanto espaço de comemoração, o Carnaval tende a fomentar majoritariamente a participação de sujeitos individuais, enquanto que, a nosso ver, as Festas Juninas promovem e convocam os participantes a realizar uma ação de teor mais coletivo. Desta forma, pensamos que a organização comunitária desta última conta com presença e

participação ativa de toda uma rede familiar ou tecido comunitário, gerando um envolvimento global e unido que requer desenvolver ações prévias como ensaiar a quadrilha, enfeitar o local em que ela ocorrerá, cozinhar comidas e bebidas típicas e organizar gincanas. Ato que acaba sendo promovido por qualquer instituição que integre grupos de pertença: da Igreja ao clube, da escola ao trabalho.

Uma outra comparação, ainda em relação ao mesmo quesito motivação das pessoas para participar ativamente nesses eventos, pode ser situada no fato de que o “brincar” carnaval envolve e exige uma certa predisposição física para “aguentar o pique” e acompanhar os blocos carnavalescos - até mesmo quando se trata de assistir em palcos ou na avenida na posição de mero espectador. Aliás, a expressão “pular carnaval” em si mesma já reflete a necessidade de o participante precisar contar com esta predisposição física. E este é um contraponto importante com as Festas Juninas, já que estas são festas essencialmente familiares, isto é, convoca a participação de toda a família –de avós a netos– e não exige “estar em forma” para delas participar. Por outro lado, se no carnaval o consumo de bebidas alcoólicas é intenso, no ciclo junino este consumo é menor, se restringe mais ao típico quentão (bebida feita de vinho quente) que é consumido em menores doses, e as pessoas estão além da dança, focalizadas na possibilidade de comer as iguarias típicas desta festa e dançar forró, uma dança compartilhada a dois.

Segundo as pesquisas de alguns folcloristas brasileiros, como Rossini Tavares de Lima (1962) e Luís da Câmara Cascudo (1954), as Festas Juninas do passado, até meados do século XX, eram eventos familiares ou do entorno imediato das unidades residenciais. Afirmam eles que foi a partir da metade do século XX –principalmente depois da década de 1970–, quando se intensificou o processo de urbanização no Brasil, que essa modalidade festiva se ampliou espacialmente e passou a acontecer em áreas públicas (ruas, praças) concentrando multidões em algumas cidades.

Retomamos aqui mais uma vez a voz de Williams (1958) segundo o qual a cultura é algo de todos, supondo e pressupondo um conjunto de significados comuns e o trabalho de um povo inteiro, fruto de toda a experiência pessoal e social comprometida de cada ser humano. As Festas Juninas, neste ponto, representam um elemento importante de identidade e memória das comunidades do campo com suas características próprias. Consideramos que, como festas, elas contribuem para que a comunidade se empodere da sua identidade social, da sua cultura própria, preservando, desta forma, as tradições culturais.

Elementos característicos e simbólicos das Festas Juninas

Os Santos e as simpatias

Santo Antônio, São João e São Pedro são os santos comemorados no mês de junho e venerados pelo catolicismo oficial, a partir de ritos litúrgicos formais, como missas, novenas e procissões, e também festejados pelo catolicismo popular através de práticas criadas e rein-

ventadas pelo povo ao longo do tempo. Em torno dos festejos religiosos e populares das Festas Juninas existe uma infinidade de lendas, superstições, misticismo e simpatias em que práticas ligadas ao sagrado, ao profano e ao mítico se mesclam em uma atmosfera sincrética. Motivo pelo qual consideramos que vale a pena agora nos referirmos a essas práticas de forma mais detalhada.

No dia 13 de junho, celebra-se o dia de Santo Antônio, identificado na tradição popular como o “Santo Casamenteiro”. São várias as origens apontadas para que Santo Antônio de Pádua seja considerado o padroeiro de quem deseja arrumar um casamento. A devoção a este santo teria começado no século XII graças à generosidade de um frei que presenteava às moças pobres valores, como joias, dinheiro, etc. para que elas pudessem ter um dote na hora de arranjar um matrimônio. Outra versão conta que o título de santo casamenteiro se deve a uma graça que uma criança teria recebido deste santo. Essa criança havia feito uma promessa para que os seus pais superassem a intensa desarmonia conjugal que existia entre o casal. Tendo ela alcançado a graça, a fama de Santo Antônio, como santo casamenteiro, espalhou-se.

No entanto, pesquisamos que há, também, uma versão genuinamente brasileira segundo a qual uma moça de Minas Gerais, cansada de não ter êxito nas preces para arranjar um marido, arremessou pela janela a imagem de Santo Antônio, acertando na cabeça de um homem que passava pela rua. Assim, eles se conhecerem por conta deste incidente e acabaram se casando.

Entre as inúmeras simpatias feitas em prol de se conseguir um marido, a mais difundida é a que indica que se deve comprar uma pequena imagem do santo e, para agilizar a conquista do pedido, fazer dois procedimentos. O primeiro é tirar o Menino Jesus do colo do religioso, dizendo que só o devolverá quando aparecer um namorado, e o segundo é virar o Santo Antônio de cabeça para baixo, de preferência dentro de um copo d’água. A nosso ver, trata-se de uma forma simbólica bastante particular de se obter uma benção infringindo ao santo um castigo.

Quanto a São Pedro, este santo é considerado o padroeiro dos pescadores, o protetor das viúvas e o chaveiro do céu por ter como tarefa fazer a triagem avaliativa que possibilita a entrada ou não de uma pessoa no reino do céu após a morte. Também é considerado como um santo que soluciona causas difíceis. Seu dia é 29 de junho e é nesta data que os devotos devem aproveitar para conversar com ele e fazer alguma simpatia. Uma delas diz que se deve colocar a chave da porta de entrada de casa dentro de um copo com água e dizer: “São Pedro, proteja minha casa, assim como protege de intrusos o céu. Afaste todo e qualquer mal da minha casa e com a ajuda do anjo guardião, não deixe entrar nenhum ladrão”.

Entre as datas de Santo Antônio e São Pedro, está o dia principal de comemoração das Festas Juninas, 24 de junho, data dedicada a São João Batista: considerado o patrono da festa e santo festeiro protetor dos casados e dos enfermos. Talvez todas estas características façam com que o seu dia seja o escolhido para o feriado em alguns lugares do Brasil. É no dia de São João que a comemoração ganha forma e convoca as comunidades a festejarem todos juntos no Arraial. Mencionamos, aqui, o porquê da comemoração principal ser a do dia 24 de junho. Sua origem está ligada ao solstício de verão, ocorrido em 21 e 22 de junho.

Este evento era comemorado pelos povos antigos (civilizações gregas, egípcias e celtas) com festas regadas de muita bebida e sempre ao calor do fogo, e nelas celebrava-se a fertilidade e se rogava aos deuses em prol da fartura nas colheitas. A partir da evangelização da Europa na Idade Média, estas passaram a seguir o calendário litúrgico da Igreja Católica que substituiu os rituais dedicados aos deuses médio-orientais, gregos, romanos e nórdicos por festas dedicadas aos santos do catolicismo. Desta forma, do culto grego a Adônis, cujo dia específico era 24 de junho, surgiu o culto a São João Batista, aquele que anunciou a “boanova” da vinda do Cristo. Como simpatia, destacamos o pedido de proteção e alegria segundo o qual se deve colocar cravos, alecrim e manjerição em uma bacia com água e deixar esta mistura descansar. Esta água, no dia 24, deve ser jogada no corpo, do pescoço para baixo, como forma de invocarmos a proteção do santo.

O “Arraiá” junino, espaço de confraternização

A palavra arraial, que pode ser encontrada na denominação de alguns lugares turísticos e conhecidos no Brasil como, por exemplo, Arraial do Cabo (RJ) e Arraial d’ Ajuda (BA), faz alusão a uma pequena povoação menor que uma vila. No ciclo das Festas Juninas, o Arraial, chamado popularmente de “arraiaí”, refere-se ao local em que as festas populares são realizadas, contando com uma decoração e cenário próprios que imitam as antigas vilas do interior. Este lugar, enfeitado de balões e de palha, é palco para os músicos e dançarinos da festa. Porém, o que mais o caracteriza são as bandeirolas de várias cores –conhecidas como “bandeirinhas”– que surgiram para prestar homenagem aos três santos “padroeiros” deste festejo. Nelas, as imagens dos santos eram pregadas e imersas em água em um rito denominado de lavagem dos santos, já que a água, de acordo com a crença popular, é o elemento da natureza que purifica. Apesar de as bandeirinhas originais terem diminuído de tamanho, mantiveram a sua simbologia como purificadoras do ambiente da festa. O arraial é, portanto, o centro das festividades juninas e das comidas tradicionais da época.

No arraial também não podem faltar as barraquinhas que levam os participantes a se deliciarem com as comidas típicas juninas, em sua grande maioria feitas à base de milho, fato que se explica em função de razões históricas. Os colonizadores portugueses em suas comemorações usavam o trigo nas suas comidas, coisa que não foi possível acontecer no Brasil porque este ingrediente não fazia parte da agricultura brasileira. Por isso, o milho –como produto local–, junto com a farinha de mandioca e a farinha de goma, passaram a ser os elementos incorporados e usados na culinária do Brasil e, conseqüentemente, nas festas. A estes ingredientes nativos, somaram-se as especiarias trazidas pelos europeus, como a canela, o cravo da Índia e a erva doce que ainda hoje estão presentes em muitos dos pratos típicos. Desta maneira é que toda festa junina tem no quesito gastronomia um dos seus pontos fortes e a criatividade popular impera na denominação dos pratos e bebidas preparadas, com nomes como canjica, pamonha, pé de moleque, paçoca, quentão, etc.

O Fogo e a dança

Um dos símbolos mais importantes nas Festas Juninas é a fogueira, e mencionamos duas versões para nos referirmos a sua existência. Uma delas, presente nos relatos bíblicos, conta que Isabel, mãe de João Batista, disse a sua prima Maria (a que seria mãe de Jesus Cristo) que acenderia uma fogueira para comunicar o nascimento de seu filho, e assim o fez. Esta, portanto, é a versão que há ligada à sacralidade e que explicaria a prática de se acender uma fogueira na noite de 23 para 24 de junho. Uma segunda versão, defendida por alguns pesquisadores, atribui o ato de se acender fogueiras às práticas europeias pagãs, já que alguns povos viam no fogo um elemento mágico para espantar as pragas da lavoura.

Como maneira de reafirmar como os elementos simbólicos guardam em si formas e significados próprios dados pela cultura daqueles que a praticam –e também, por que não, a título de curiosidade–, vale mencionarmos que, segundo a tradição, a fogueira deve ser feita uma configuração diferente dos troncos em função do santo junino. Assim, segundo a tradição, a fogueira armada para Santo Antônio deve ser quadrada, já a de São João possui uma disposição circular e a de São Pedro deve ser feita com forma triangular. Nos parece interessante mencionar, por outro lado, dois rituais tradicionais que são realizados em torno da fogueira acesa e que mostram a confraternização entre as famílias no interior. O primeiro, contempla um ritual de batismo em que, diferentemente do batismo feito na igreja, padrinhos e afilhados se escolhem entre si, em um ato de escolha espontâneo e de total autonomia. Um segundo ritual se dá quando, ao pular a fogueira, mulheres e homens se fazem “comadres” e “compadres” como sinônimo de consagrarem alianças mais fortes de amizade e companheirismo.

Ao lado da fogueira, desenvolve-se outro evento característico no dia de São João que é a quadrilha, uma dança coletiva entre vários casais. De acordo com a maioria dos estudos levantados, a origem desta dança é anglo-saxã. Dava-se no momento em que a população camponesa retornava de seus trabalhos na lavoura, principalmente no período de inverno, e dançava uma coreografia herdada dos celtas. Considera-se que esta sequência ritmada de passos e movimentos foi alterada e modificada a partir da guerra entre a França e a Inglaterra. Desta forma, passou a estar presente no imaginário de franceses, ingleses e também portugueses. Segundo Gonçalves e Almeida, a palavra quadrilha é proveniente do francês *quadrille* e:

(...) surgiu em Paris, no século XVIII, denominada como dança de salão; era composta por cavalheiros e damas que formando quatro casais interagiam por meio da dança, e seu nome, traduzido para o português, significa “quadrado”, era prática habitual da elite europeia (2019, p. 2).

Chegando ao Brasil, durante o período Regencial, por volta de 1830, esta dança se instalou no ambiente aristocrático. De acordo com Douglas Amaral, coordenador da Quadrilha Gonzaga, do Rio de Janeiro (RJ) em entrevista ao Programa Brincando no *Arraiá da TV Brasil* (2015), foi o povo brasileiro que, apropriando-se desta dança aristocrática, colocou elementos de uma realidade denominada “caipira”. Isto explicaria o motivo pelo qual os passos comanda-

dos pela figura do marcador de quadrilha foram adaptados do idioma francês para o português e adquiriram uma pronúncia brasileira. Por isso, tanto vamos encontrar nomes de passos derivados do francês, como Anarriê, Balancê e Retornê –em francês *en arrière* (para trás), *balancier* (balançar-se) e *retourner* (dar a volta, girar)–, quanto outros passos com nomes bem brasileiros, como o "olha a chuva!", "passeio na roça", "é mentira", entre outros.

O casamento matuto ou caipira. Teatro popular

Sendo a quadrilha a dança típica junina, é necessário resgatarmos o seu significado. Esta é ensaiada e dançada em comemoração a um casamento que sempre se teatraliza no momento prévio ao baile. Trata-se de uma representação em que os personagens geralmente são o padre ou vigário, os noivos, os pais da noiva e o delegado. O roteiro da cena representada pode sofrer variações em função da criatividade daqueles que o escrevem e da possibilidade de poder retratar algum aspecto do contexto social do momento. Como se pode ver, o casamento matuto ou caipira surgiu como uma paródia dos casamentos clássicos, fugindo, assim, dos "padrões tradicionais". Porém, ao mesmo tempo, a cena pode ser vista como uma representação do contexto histórico, sócio-cultural característico de um ambiente que, segundo Fortunato (2000), nos remete a época dos coronéis⁴⁶ no nordeste do Brasil, um contexto social muito próximo aos valores e relações sociais que remontam ao século XIX.

Sem levarmos em consideração as variações que podem ocorrer no enredo, de acordo com critérios locais ou regionais, a cena conta a história de um jovem, que havendo engravidado uma "moça de família" não quer se casar com ela, e de uma moça que, por ter "perdido a honra", precisa se casar. Ocorre, assim, um casamento forçado, já que o pai da moça obriga-os a se casarem com o intuito de preservar os valores morais da família tradicional e de manter a reputação da filha e da família. Para isso, pede a ajuda do delegado –representante da lei e da ordem– para fazer cumprir a lei local indo buscá-lo para se casar e também para evitar a sua fuga durante a cerimônia de casamento. Gostaríamos de ressaltar, aqui, que, embora essa cena faça parte da tradição, ela é vista, atualmente, sob a óptica da crítica feminista contemporânea, como uma encenação que tende a ser abolida ou modificada para adaptar-se a formas e concepções sociais modernas sobre o casamento. Destacamos este fato como um claro exemplo de como a cultura não é, como mencionamos anteriormente, algo estático nem imutável (Santos, 1987).

Quanto à representação mais popular desta cena, as falas do diálogo e os nomes dos personagens são criados por cada quadrilha havendo um cuidado de representar carregando no sotaque caipira e usando uma linguagem engraçada e de duplo sentido. A teatralização acaba quando os noivos se casam e a família da noiva convida os presentes para comemorem o evento numa grande festa, comendo e dançando a quadrilha.

⁴⁶ Os coronéis são semelhantes ao que na Argentina se conhece como "terratenientes".

Dois modelos de convivência atuais: quadrilha tradicional x quadrilha estilizada

A festa de São João oriunda do nordeste do Brasil tem uma origem rural associada ao ciclo das colheitas agrícolas, ao calendário religioso cristão e a determinadas características familiares nas quais os costumes tradicionais e regionais reinam. No entanto, com a sua evolução histórica e um crescente processo de migração do campo para as cidades por causa da industrialização, as Festas Juninas modificaram-se substancialmente, chegando ao ponto de se converterem em um evento turístico que favorece a economia regional. Hoje são duas as cidades que concorrem pela melhor e maior organização da festa, as cidades de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB) no nordeste do Brasil. Observa-se que a festa, que antes possuía uma marca comunitária e familiar, aos poucos, no espaço urbano, foi adquirindo uma faceta comercial, adotando outras características e se adaptando para se transformar em um grande espetáculo para as massas. Incorporando ao mesmo tempo um aspecto econômico e até político, já que esta organização hoje conta com o patrocínio de empresas privadas e do Estado.

Um dos elementos mais visíveis desta nova faceta é a mistura de elementos tradicionais, ligados ao passado, e de elementos modernos, como a estilização do matuto. Desta forma, o matuto que antes usava a roupa de um homem simples do campo (chapéu de palha, camisa quadriculada e calça remendada), passou a ser representado com a indumentária do boiadeiro ao estilo *country*. Este passou a ser chamado de sertanejo⁴⁷, modificando-se, assim, o sentido original do termo e conferindo a esta palavra uma nova acepção. Já as mulheres, se antes usavam vestidos de chita com excessos de babados e fitas, atualmente se transformaram e adquiriram maior luxo com a incorporação de vários adereços. Quanto à quadrilha, aos olhos de muitos, até se assemelham a um espetáculo visto “na avenida”, expressão usada para representar o desfile das escolas de samba no carnaval do Rio de Janeiro. Aliás, com a incorporação do urbano e de novos costumes, não só se observam mudanças nas roupas e nos passos coreografados, como também no enredo do casamento que passou a incorporar aspectos da modernidade⁴⁸.

Com relação a como as pessoas veem e/ou comentam estas mudanças, instaurou-se uma discussão que divide opiniões. Algumas consideram que a festa de São João deve manter a caracterização do estilo conhecido como tradicional, representativo do meio rural de uma época, e outras aderem às novas mudanças na festa, caracterizando-a como estilizada e defendendo um estilo diferente em muito dista do meio rural. Sem nos adentrarmos na discussão, é relevante pensar nas mudanças que a modernidade traz e no impacto que elas promovem nas manifestações culturais. Como afirma Hall (1997) em Morigi (2005), se anali-

⁴⁷ Originário ou próprio do sertão.

⁴⁸ Sugerimos ver estas mudanças acessando *Youtube* e páginas de internet do Brasil. São espaços nos quais muitas quadrilhas divulgam seu trabalho e sobem a gravação do dia da festa.

sarmos a questão da identidade relacionada ao caráter de mudança na modernidade, observamos que esta tende a impactar na noção de identidade cultural, já que as sociedades modernas não possuem um único centro ou concepção em torno do quais as identidades se organizam e se desenvolvem. Ainda segundo Hall, o que caracteriza as sociedades atuais são as diferenças atravessadas por divisões e antagonismos sociais que levam a produzir uma variedade de diferentes posições de sujeito, fazendo com que no processo de construção da identidade cultural regional, e portanto de construção social, o que antes parecia algo fixo seja alterado pela mudança social. Possivelmente, esta postura de entendimento sobre a construção de uma identidade cultural, associada às divisões e antagonismos sociais da modernidade e pós-modernidade, nos leve a compreender a existência desses dois estilos de quadrilha, “tradicional” versus “estilizado”, como parte de um processo. A cultura é fruto de um processo que já nos falava Santos (1987) anteriormente.

Em ambos os casos, sejam as Festas Juninas realizadas como uma festa para rememoração, com fortes vínculos instaurados nas práticas do passado, ou como festa massiva, cuja finalidade maior passou a ser promover o entretenimento e a diversão, elas continuam fazendo parte das importantes festas populares no Brasil, como uma prática arraigada e mantida pelo povo brasileiro.

Um arraial inclusivo: cancelamento dos preconceitos e estereótipos sociais nas Festas Juninas

A Festa Junina, desde que surgiu, foi sofrendo modificações com o passar do tempo. Inicialmente, desde a sua chegada ao Brasil com os portugueses a festa era feita em comemoração à boa colheita e continha uma índole mais aristocrática e, posteriormente, adotando outras características que a levaram a se converter em uma grande festa popular no Brasil.

Apesar de as Festas Juninas terem sofrido adaptações e modificações, só recentemente é que estão sendo incorporados outros e novos aspectos que nos levam a refletir sobre alguns estereótipos e preconceitos presentes nesta manifestação popular. Um deles está associado à visão do homem do campo⁴⁹, considerado um sujeito atrasado, malvestido e de fala tosca, e à mulher que como integrante de um contexto social e cultural aos moldes do patriarcado, como não poder engravidar e ficar solteira –ou apenas pelo fato de ter “perdido a virgindade”-, é levada a se casar submetida ao poder de decisão e autoridade sobretudo do pai. Porém, atualmente as Festas Juninas estão se amoldando a novos tempos e valores sociais. Assim, o festejo tem deixado de lado versões com algumas características estereotipadas da cultura caipira para assumir novas posturas, manifestando-se em oposição a aspectos como a discriminação para com o estilo de vida e os costumes do

⁴⁹ Esta concepção começou a se organizar no imaginário popular em 1918, a partir da figura do Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato.

meio rural, a violência contra as mulheres e outras minorias. Desta forma, observamos que há um incentivo na participação de novos atores sociais por meio de algumas iniciativas que podem ser vistas em alguns estados do Brasil que mostram como a tradição começa a ser redefinida.

No âmbito educacional, um exemplo é o Estado de Santa Catarina que aproveita a celebração junina para discutir com os alunos os aspectos envolvidos nesta celebração, tais como a época da colheita, os santos homenageados, a literatura de cordel, as canções brasileiras e os contos populares. Da mesma forma, os alunos são orientados a não reproduzir os estereótipos sobre o caipira e nem outras formas de preconceito, e deixar de contar piadas homofóbicas, racistas ou sexistas.

Observa-se também que as quadrilhas juninas, principalmente as grandes quadrilhas que se apresentam em cidades que competem pela organização da festa, estão rompendo com a tradição binária em que só havia casais formados por um homem e uma mulher. Outro fato observado é o de que muitas quadrilhas juninas vão se transformando devido a mudanças que se deram na sociedade. Graças a estas, vão se dando experiências no arraial das festas juninas que possibilitam, por exemplo, a incorporação de homossexuais e trans, fugindo do já mencionado binarismo. Um exemplo que vale a pena ser mencionado é o da Quadrilha Junina Tradição do Morro da Conceição na zona norte da cidade de Recife (PE) que em 2013 apresentou dois homens gays no tradicional casamento caipira. Outras mudanças parecem ter sido geradas a partir de políticas sociais de inclusão que fazem com que, por exemplo, outros grupos alvo de discriminação, como obesos e deficientes físicos, também participem da quadrilha. Desta forma foi que a Quadrilha Junina Mirim Fusão, também como exemplo presente no Morro da Conceição, acolheu uma integrante com síndrome de Down. Mencionamos estas ocorrências como uma amostra de práticas de mudança social e de políticas de inclusão.

Por último, destacamos mais duas outras manifestações que se deram em outro estado do nordeste do Brasil, desta vez o Ceará, em que incorporaram *performances* trans pondo em xeque o já citado binarismo por meio das coreografias e indumentárias que adotaram e fazendo protagonistas as travestis, *drag queens* e transexuais (Noletto, 2017). Exemplo disto foi a Quadrilha Ceará Junino, em Fortaleza, que ganhou dois concursos, o de Miss Caipira Gay 2015 e o de Rainha da Diversidade 2015 da Fequajuce (Federação de Quadrilhas Juninas no Ceará). Vale a pena acrescentarmos que também no Ceará se deu a realização do curta-metragem “O São João também é trans”⁵⁰ baseado na experiência de jovens participantes das quadrilhas juninas desta cidade que retrata a inserção de mulheres transexuais na manifestação quadrilheira do interior (Costa Barroso, 2016).

⁵⁰ Ver: <https://youtu.be/T35r1LJQFQc>

Palavras finais

As festividades brasileiras realizadas em todo o país refletem as diferentes matrizes étnicas constituintes de uma cultura miscigenada formada pela incorporação de elementos de diferentes culturas durante a formação da sociedade brasileira. As festas populares, em geral, têm como principais características a sua ocorrência em todo o território nacional, uma forte presença popular e a união entre o sagrado e o profano, tornando-as um espetáculo, como o Carnaval e as Festas Juninas, que combinam muito bem esses elementos.

Neste trabalho, procuramos dar protagonismo às Festas Juninas como uma verdadeira festa popular no Brasil –pensando-as a partir do conceito de Williams, segundo o qual a cultura é algo comum e de todos– e que já funciona com um caráter identitário, estando presente como parte da cultura da sociedade brasileira. Funcionando, além disso, como um potente veículo de integração social, já que desta forma o brasileiro, através de suas manifestações culturais com suas canções, danças, culinária, etc, dá mostras da sociedade em que vive.

Dirigimos nosso interesse particular na comemoração das Festas Juninas, mas não sem antes fazer uma breve comparação entre estas e o carnaval, por serem ambas festas populares de grande dimensão e importância do Brasil. Porém, deixamos claro que este estudo sobre as Festas Juninas, em função de suas origens, de como elas se caracterizam e que transformações sofreram nos últimos anos, tem como objetivo central visibilizar a importância que elas adquirem no imaginário cultural dos brasileiros levando em conta os fatores que contribuíram e contribuem para sua preservação ao longo do tempo. Descrever os elementos característicos e simbólicos das Festas Juninas (os santos e as simpatias, o arraial junino, as fogueiras, o casamento caipira, as quadrilhas) nos levaram a olhar tanto para algumas das suas características tradicionais quanto para tentar refletirmos sobre as recentes modificações que elas vêm tendo e incorporando.

Já nos referimos aqui às Festas Juninas como parte da cultura brasileira que reflete, através da preservação e manutenção de uma tradição, a herança de uma comunidade. Agora antes de terminar, queremos detalhar um pouco sobre o que implica falar de cultura, considerando que toda cultura é construída a partir das ações e inter-relações sociais. Todos nós sabemos que as pessoas, por fazerem parte de uma sociedade, interagem umas com as outras, intercambiando ideias, conhecimentos, vivências e experiências que promovem a construção mútua da sua cultura. A possibilidade de vivermos em grupo nos traz como consequência a construção de uma nova história de vida, na qual hábitos e costumes, manifestações, expressões, sentimentos, ocorrem em um contexto em que é crucial preservar estes elementos que determinam ao mesmo tempo um modo de ser e de viver no mundo e em sociedade. Porém, isto não se trata de um processo estável, sem mudanças, porque mesmo que as tradições de uma cultura possam ser identificáveis, isto não significa dizer que elas não se transformem, que não contenham uma dinâmica. Por mais que seja um pensamento comum, não podemos pensar em cultura como algo estático. Cultura é um processo de construção social. Sabemos que há uma certa tendência de concebermos os eventos tradicionais como imutáveis. Contudo nada

do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade em que a mudança é um aspecto fundamental. O erro segundo Santos (1987) está em que muitas vezes “fala-se de uma cultura como se fosse um produto, uma coisa com começo, meio e fim, com características definidas e um ponto final” (Santos 1987, p. 39).

Como podemos verificar ao longo deste capítulo, as Festas Juninas mesmo que possuam uma dinâmica característica, elas também foram e continuam se modificando porque também são resultado de processos sociais, urbanos e culturais. Um exemplo disso são as mudanças introduzidas na transição que sofreram ao passar do campo para a cidade. Outra modificação destacada é a incorporação de novos atores sociais que discutem a lógica hegemônica do sexo binário, assim como também atitudes críticas quanto aos papéis estereotipados da vida das mulheres e homens do interior ou do campo. Com isso, reafirmamos e reforçamos que nossas tradições sociais são cultura e que cultura, além de ser algo comum e que pertence a todos, longe está de se deter no tempo.

Para finalizar, gostaríamos de deixar claro que com este trabalho pretendemos que ele sirva de base para novos e futuros outros estudos sobre as festas populares validando este tema como objeto de estudo para a produção de conhecimento. Que possamos contribuir para outras produções que resgatem e (re)valorizem, desta forma, experiências culturais muitas vezes excluídas dos trabalhos e/ou estudos produzidos no âmbito acadêmico.

A partir daqui, do nosso lado, sairemos para um segundo momento em que almejamos coletar mais informação sobre as Festas Juninas já não mais falando sobre elas, mas realizando entrevistas que nos permita ouvir a voz de sujeitos concretos para, por meio de suas experiências, pensarmos melhor as mudanças sociais que mencionamos neste capítulo e que parecem já estar presentes nesta tão particular tradição popular brasileira.

Referências

- Abreu, M. (1999). As Memórias do Divino em Arte e Cultura Popular. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 28, 40-54.
- Amaral, R. (1998). Festa à Brasileiras: significados do festejar, no país que "não é sério". (1998). Tese (doutorado em antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Amaral, R. (2000). As mediações culturais da festa à brasileira. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia Tæ*, 40(1/2), 13-22.
- Câmara Cascudo, L. (1954). Dicionário do Folclore Brasileiro. Instituto Nacional do Livro, INL, Rio de Janeiro. Disponível em <https://archive.org/details/dicionariodofolc00casc>
- Câmara Cascudo, L. (1946). *Festas e tradições populares*. Rio de Janeiro: Briguiet.
- Costa Barroso, H. (2016). “O São João é gay!!”: horizontes interpretativos sobre as performances trans na Festa Junina no Ceará. *Revista Periódicus*, 1(6), 179-197. Disponível em <http://dx.doi.org/10.9771/peri.v1i6.20561>

- De Sousa Santos, B. (2006). *Renovar la teoría crítica y reinventar la emancipación social*. Buenos Aires: Clacso. Disponible en <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/santos/Capitulo%20I.pdf>
- Durkheim, É. (1968). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF.
- Duvignaud, J. (1983) *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Fortunato, M. (2000). O coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo a simulacro do poder local. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- García Canclini, N. (2011). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- Gonçalves, E. e Almeida, V. (2019). Nos Passos da Tradição: Quadrilhas Como Fonte de Informação e Patrimônio Cultural em Juazeiro do Norte. XV ENECULT, 01 a 03 de agosto, Salvador, Bahia.
- Hall, S. (1997). *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Lima, R. e Ferreira, C. (1999). O Museu de Folclore e as Artes Populares in Arte e Cultura Popular. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 28, 100-119.
- Morigi, V. (2005). Mídia, Identidade Cultural Nordestina: Festa Junina como expressão. *Revista In texto*, 1(12), 1-13.
- Noletto, R. da Silva. (2017). Casamento em performance, parentesco em questão: gênero e sexualidade no São João de Belém, Pará. *Cadernos Pagu*, (51), 1-49. Disponible en: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510020>
- Santos, J. (1987). *O que é Cultura*. Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos.
- Tavares de Lima, R. (1962) *Abecê do Folclore*. São Paulo: Ricordi.
- TV Brasil. Programa Brincando no Arraiá (2015) Quadrilhas juninas: saiba como começou a festa. Disponible en: <https://www.ebc.com.br/infantil/2015/06/descubra-origem-da-quadrilha-das-festas-juninas>
- Williams, R. (1989). A Cultura é de todos, Trad. Maria Elisa Cevalco. Departamento de Letras, USP, de Culture is ordinary. En: *Ressources of Hope: Culture, Democracy, Socialism*. London: Verso [1958].